

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



Concerto de Natal
Dixit Dominus de Händel
Orquestra Sinfónica
Portuguesa
Coro do Teatro Nacional
de São Carlos

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Grande Auditório
Domingo, 17h00, M/6

17 dez
2023

Georg Friedrich Händel (1686–1759)

Dixit Dominus, HWV 232

Coro. *Dixit Dominus*

Ária. *Virgam virtutis tuae*

Ária. *Tecum principium*

Coro. *Juravit Dominus*

Coro. *Tu es sacerdos in aeternum*

Coro. *Dominus a dextris tuis; Judicabit in nationibus; Conquassabit capita*

Soli e Capella. De torrente in via bibet

Coro. *Gloria Patri, et Filio*

Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791)

Concerto n.º 9 em Mi bemol Maior para piano e orquestra, K. 271

(*Jeunehomme*)

Allegro

Andantino

Rondeau. Presto

Piano **Artur Pizarro**

Soprano **Raquel Alão** e **Carolina Raposo**

Meio-soprano **Ana Ferro**

Tenor **João Rodrigues**

Baixo **Carlos Pedro Santos**

Direção musical **José Eduardo Gomes**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

(Maestro titular **Antonio Pirolli**)

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

(Maestro titular **Giampaolo Vessella**)

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Presidente, Conceição Amaral

Vogal, Rui Morais

Vogal, Sofia Meneses

Direção Artística

Teatro Nacional de São Carlos

Ivan van Kalmthout

Conselho de Administração do CCB

Presidente, Francisca Carneiro Fernandes

Vogal, Madalena Reis

Vogal, Delfim Sardo

Concerto de Natal

O salmo 109 *Dixit Dominus* é um dos mais usados na liturgia católica. Era o primeiro salmo cantado nas vésperas de todos os domingos do ano e da maioria das solenidades, como o dia de Natal. Esta é uma das festas em que faz mais sentido entoar este cântico real e messiânico: os judeus viam nele a glorificação do rei David e a promessa gloriosa na sua descendência, e os cristãos lêem-no como a cumprida profecia de Jesus enquanto rei, sacerdote e Cristo/Messias. Mas o *Dixit Dominus* composto por Händel com apenas 22 anos, em abril de 1707 em Roma, não se destinava a nenhuma celebração natalícia. A maior probabilidade é que, juntamente com os salmos *Laudate pueri* HWV 237 e *Nisi Dominus* HWV 238, e o *Salve Regina* HWV 241, tenha sido estreado na igreja dos frades carmelitas, Santa Maria in Monte Santo, integrando as solenes vésperas de Nossa Senhora do Carmo a 16 de julho desse ano, encomendadas pelo cardeal Carlo Colonna. Outra hipótese é que tenha sido estreado no Domingo de Páscoa, a 24 de abril, em San Lorenzo in Damaso, a igreja titular de outro influente cardeal, Pietro Ottoboni, ilustre melômano e mecenas. Händel, recém-chegado à Cidade Eterna, havia alcançado rapidamente a fama graças ao seu extraordinário virtuosismo, permitindo-lhe aceder aos mais exclusivos círculos musicais, patrocinados pelas poderosas famílias Pamphilij, Ottoboni, Colonna e Ruspoli. Para estes patronos, escreveu a maioria das suas obras deste período.

Apesar de luterano, Händel não sentiu pejo algum em escrever para a liturgia católica, assimilando – e mesmo superando – todas as particularidades do estilo barroco romano, cultivado por Alessandro Scarlatti, Bernardo Pasquini e Arcangelo Corelli, para nomear apenas os três mais eminentes compositores então ativos na cidade. Apesar de a obra ser escrita para meios hoje considerados algo singelos, o resultado é grandioso e riquíssimo em contrastes. A escala excecional – uma duração de meia hora para apenas um salmo é extraordinária – reflete ideais estéticos similares aos das espetaculares criações de Bernini, Borromini e Cortona. Os andamentos corais exploram com maestria o moderno estilo concertado, contrastando vozes e

instrumentos, em solos e *tutti*, ora alternados ora justapostos, que ousadamente envolvem citações de cantochão em *cantus firmus*, numa reverência à vetusta herança do canto gregoriano. A densa polifonia imitativa sobressai não só em portentosas fugas, mas permeia também toda a textura, apenas interrompida por sólidos e dramáticos blocos sonoros em homofonia, que enfatizam seletos excertos do texto litúrgico. Ainda que apenas inclua duas árias independentes, seguramente então confiadas a *insignes castrati* da capela pontifícia, os solos e duetos são muito variados: ora melancólicos, ora acesos, uns valorizando o *cantabile* da melodia, outros a bravura das coloraturas, mas sempre com criterioso uso da retórica, de forma a suscitar nos ouvintes as mais variadas e intensas emoções.

O *Concerto em Mi bemol maior* K. 271 foi composto por Mozart quando tinha 21 anos, em janeiro de 1777. É o quarto e último concerto escrito em Salzburgo num período em que o compositor se sentia cada vez mais reprimido na corte do Príncipe-Arcebispo Colloredo e ansiava desesperadamente por se libertar desse fastidioso e opressivo ambiente. A obra é conhecida pelo epíteto «Jeunehomme», suposto nome de um desconhecido pianista francês. Recentemente, foi revelado que esta é uma corruptela do sobrenome de Victoire Jenamy, a jovem filha do grande bailarino e coreógrafo francês Jean-Georges Noverre, amigo de Mozart. Jenamy terá sido a dedicatária da obra, mas desconhece-se quando esta terá sido estreada, uma vez que a primeira apresentação pública documentada do concerto foi em outubro de 1777, em Paris, com o compositor como solista.

O concerto é considerado uma das suas primeiras obras-primas. O andamento inicial distingue-se, logo na sua abertura, pelas surpreendentes intervenções do solista interrompendo o *tutti* orquestral. O decorrer do andamento revela, porém, que o efeito pretendido é o do reforço do diálogo e do entrosamento, mais do que o de oposição ou duelo, como nos posteriores concertos beethovenianos que recorrem a este expediente. O segundo andamento é um dos raríssimos escritos por Mozart no modo menor. A sua ambiência soturna (reforçada pela sonoridade das cordas com surdinas) evoca o estilo *Sturm und Drang* de Carl-Philippe Emanuel Bach, uma das grandes referências para o jovem compositor. Bach

publicava então em Hamburgo, entre 1771 e 1787, várias coleções de ousadas obras para tecla — sonatas, fantasias e rondós. A influência da sua predileção pela expressão de sentimentos exacerbados e antagônicos manifesta-se também no brilhante rondó final, que se inicia de forma virtuosa e extrovertida com uma longa exposição do solista. Mas inclui estrofes muito contrastantes no afeto, na tonalidade e na métrica, destacando-se o sentimental *Menuetto cantabile* em Lá bemol maior, acompanhado pelas cordas em *pizzicato* e, mais uma vez, com surdinas. O andamento termina, no entanto, na feição festiva e radiante com que começou. Sobrevivem cadências alternativas para os dois primeiros andamentos e vários *Eingänge* opcionais para o rondó. Tal deve-se a Mozart ter interpretado várias vezes este concerto ao longo da sua vida, evidenciando a sua satisfação com esta obra de juventude.

Fernando Miguel Jalôto

Georg Friedrich Händel

Dixit Dominus HWV 232

Salmo 109 (Vulgata)

Salmo 110 (Anglicano)

CHORUS

*Dixit Dominus Domino meo:
Sede a dextris meis,
donec ponam inimicos tuos
scabellum pedum tuorum.*

ALTUS

*Virgam virtutis tuae emittet
Dominus ex Sion:
dominare in medio inimicorum
tuorum.*

CANTUS

*Tecum principium in die virtutis
tuae in splendoribus sanctorum.
ex utero ante Luciferum genui te.*

CHORUS

*Juravit Dominus, et non
poenitebit eum:*

CHORUS

*Tu es sacerdos in aeternum
secundum ordinem Melchisedech.*

SOLI ET CHORUS

*Dominus a dextris tuis, confregit
in die irae suae reges.*

CORO

Disse o Senhor ao meu senhor:
Senta-te à minha direita,
farei dos teus inimigos o escabelo
dos teus pés.

ALTO

O Senhor estenderá para além de
Sião o teu cetro poderoso:
dominarás no meio dos teus
inimigos.

SOPRANO

Um príncipe desde o dia do teu
nascimento no esplendor dos
lugares santos.
Antes da aurora do ventre te fiz
nascer.

CORO

O Senhor fez um juramento e não
o mudará:

CORO

Tu serás sacerdote até à
eternidade,
por ordem de Melquisedeque.

SOLISTAS E CORO

O Senhor está à tua direita e
esmagará os reis no dia da sua ira.

CHORUS

*Judicabit in nationibus, implebit
ruínas,
conquassabit capita in terra
multorum.*

SOLI ET CHORUS

*De torrente in via bibet,
propterea exaltabit caput.*

CHORUS

*Gloria Patri et Filio et Spiritui
Sancto,
sicut erat in principio, et nunc et
sempre,
et in saecula saeculorum, Amen.*

CORO

Julgará as nações, cobrindo-as de
ruínas,
quebrará cabeças por toda a
terra.

SOLISTAS E CORO

No seu caminho beberá da
corrente,
e então levantará a cabeça.

CORO

Glória ao Pai e ao Filho e ao
Espírito Santo,
como era no princípio, agora e
para sempre,
e em todos os séculos dos
séculos, Ámen.





Artur Pizarro Piano

Nascido em Lisboa em 1968, Artur Pizarro apresentou-se em público pela primeira vez aos três anos e, no ano seguinte, apresentou-se na RTP ao lado do professor Campos Coelho no programa *Histórias da Música* de Victorino d'Almeida. Os seus primeiros passos ao piano foram acompanhados pela sua avó materna, a pianista Berta da Nóbrega e pelo professor Campos Coelho. Mais tarde, entre 1974 e 1990, Artur Pizarro estudou em Portugal e nos EUA com Sequeira Costa. Durante um ano frequentou também a classe de Aldo Ciccolini no Conservatório Nacional Superior de Paris e recebeu aulas de Bruno Rigutto. Artur Pizarro detém três primeiros prémios de concursos internacionais, nomeadamente o Concurso Vianna da Motta em 1987, o Greater Palm Beach Invitational Piano Competition de 1989 e o Leeds International Piano Competition de 1990, que, verdadeiramente, lançou a sua grande carreira internacional. Atua regularmente em recitais a solo, em duo de piano e em concertos de música de câmara. Apresenta-se também com as mais prestigiadas orquestras por todo o mundo, dirigido por maestros como Sir Simon Rattle, Philippe Entremont, Yan Pascal Tortelier, Sir Andrew Davis, Esa-Pekka Salonen, Yuri Temirkanov, Vladimir Fedoseev, Martyn Brabbins, Tadaaki Otaka, Tugan Sokhiev, Yakov Kreizberg, Yannick Nezet-Sguin, Libor Pesek, Vladimir Jurowski, Ion Marin, Julia Jones e Sir Charles Mackerras. As suas gravações constam nos catálogos da Collins Classics, Hyperion Records, Linn Records, Brilliant Classics, Klara, Naxos,

Danacord, Phoenix Edition, Capriccio, Cavi, e Odradek Records onde recentemente completou a integral da obra para piano de Sergei Rachmaninoff e os 5 Concertos para piano e orquestra de Beethoven com a Sinfónica de Wuppertal, dirigida por Julia Jones. Em reconhecimento da relevância da sua arte, Artur Pizarro foi galardoado na sua terra natal com o Prémio Bordalo, o Prémio SPA, a Medalha de Mérito Cultural da Cidade do Funchal e a Medalha de Mérito Cultural de Portugal. Atualmente, leciona no seu estúdio em Oeiras, onde dá aulas particulares. Frequentemente, Artur Pizarro oferece *masterclasses* em vários locais do mundo.

Raquel Alão Soprano

Estudou canto na Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN), com Filomena Amaro. Gravou para o canal Mezzo o *Gloria* de Vivaldi e a cantata BWV 63, *Christen, ätzet diesen Tag*, com Divino Sospiro, sob direção de Enrico Onofri. Como solista, destacam-se as obras *Betulia Liberata* (Giudita) de Pugnani; *Nulla in mondo pax sincera* (Vivaldi); *Carmina Burana* (Carl Orff); *A sea symphony* (Vaughan Williams); *Requiem* (Mozart), *Um Requiem Alemão* (Brahms); *Stabat Mater* (Pergolesi). Foi dirigida por César Viana, Massimo Mazzeo, João Paulo Santos, Osvaldo Ferreira, Günter Neuhold, Graeme Jenkins, entre outros. Colabora com a Orquestra Filarmónica Portuguesa, tendo estreado, em março de 2023, a *Missa de Requiem* de Marcos Portugal. Colaborou com Maria João Pires no ciclo de concertos *O fio do Danúbio*, em Belgais.

Carolina Raposo Soprano

Nascida na ilha de São Miguel, licenciou-se em canto pela Universidade de Aveiro, sob orientação de Isabel Alcobia e João Lourenço. Como solista, em oratória, já interpretou *Historia von der Geburt Jesu Christi* de Schütz; *Missa em Fá*, Cantatas 143, 150 e *Magnificat* de Bach; *Membra Jesu Nostri* de Buxtehude; *Magnificat* de Berio; *Stabat Mater* de Pergolesi; *Te Deum* de Marcos Portugal; *Litaniae, Regina Coeli, Missa em Dó, Vesperae Solennes* de Confessore; *Krönungsmesse* de Mozart; *Messias* de Händel e *Il poema della Primavera* de Keil. Distingue-se em ópera com os papéis de Pamina em *A Flauta Mágica*, Frasquita em *Carmen* e Maria na ópera *A casinha de chocolate* de Humperdinck. Atualmente, é membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Ana Ferro Meio-soprano

Ana Ferro iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Nacional de Lisboa, em flauta transversal, e os estudos vocais na Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, com Joana Levy. Formada em canto pela Guildhall School of Music & Drama (Londres) e pela Flanders Operastudio (Bélgica), apresentou-se como solista no Reino Unido, Bélgica, Países Baixos, Espanha e nas principais salas de espetáculo portuguesas. Apresentações em ópera e concerto incluem: Dinah (*Trouble in Tahiti*); Zia Principessa (*Suor Angelica*); Suzuki (*Madama Butterfly*); Olga (*Evgene Onegin*); Carmen (*Carmen*); Dorabella (*Così fan tutte*); Bianca (*The rape of Lucretia*, estreia portuguesa, TNSC);

Requiem de Mozart, Duruflé e Verdi; *Stabat Mater* de Rossini; 9.^a *Sinfonia* de Beethoven; *Missa Grande/Te Deum* de Marcos Portugal e *Requiem* de Bomtempo. É membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

João Rodrigues Tenor

Nasceu em Lisboa. Integrou os elencos de *Porgy and Bess*, *Die Meistersinger von Nürnberg*, *Parsifal*, *Le vin herbé*, *Il matrimonio segreto*, *Così fan tutte*, *A Flauta Mágica*, *Suzana*, *A Floresta*, *A vingança da cigana*, *Raphael Reviens*, *Francesca da Rimini*, *Salome*, *Jerusalem*, *Paint me*, *L'arco di Sant'Anna*, *Tição Negro*, *D. Inês de Castro*, *Ariodante*, *Acis and Galatea*, *Bastien und Bastienne*. Cantou com as várias orquestras do panorama nacional e estreou obras de Eurico Carrapatoso, Nuno Côrte-Real, Vasco Mendonça, Luís Tinoco, e efetuou concertos com os pianistas Nuno Vieira de Almeida, João Paulo Santos, João Crisóstomo, Nuno Lopes, Francisco Sasseti, João Vasco, J.M. Brandão. Interpretou peças sacras de Bach, Händel, Haydn, Mozart, Bruckner, Rossini, Monteverdi, entre outros. Estudou canto na EMCN com Filomena Amaro, na Escola Superior de Música de Lisboa com Luís Madureira, Helena Pina Manique e Elsa Saque. Realizou aperfeiçoamento com J. Lourenço. É membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Carlos Pedro Santos Baixo

Natural de Lisboa, cidade onde iniciou os seus estudos musicais. Diplomou-se em Canto no Conservatório de Amesterdão, em 2002, com o barítono Udo Reinemann. Interpretou

a *Missa em Dó Maior* de Beethoven, *Um Requiem Alemão* de Brahms, o *Requiem* de Fauré, o *Requiem* de Mozart, o *Messias* de Händel, a *Messa di gloria* de Puccini, a *Cantata Ich Habe Genuß* de Bach, entre outras obras. Trabalhou com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Zurich Sinfonietta e a Filarmonia das Beiras, sob a direção de Graeme Jenkins, Donato Renzetti, António Lourenço e Giovanni Andreoli. Participou na estreia de *Post-truth*, obra do compositor e maestro João Tiago Santos. Foi membro do Coro Gulbenkian e membro fundador do Coro Gregoriano de Lisboa e do quarteto Tetvocal. Com estes, destaca-se a gravação de cinco discos. Em ópera, interpretou Mozart, Purcell, Gershwin, Ravel, Strauss, Menotti e Charpentier. É membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, desde 2003.

José Eduardo Gomes

Direção musical

Foi recentemente laureado com o 1.º Prémio no European Union Conducting Competition. É professor na Escola Superior de Música de Lisboa. Iniciou os seus estudos musicais no Clarinete em Vila Nova de Famalicão, sua cidade natal. Mais tarde prosseguiu os seus estudos na Haute École de Musique de Genève, em Direção de Orquestra com Laurent Gay e em Direção Coral com Celso Antunes. José Eduardo é membro fundador do Quarteto Vintage. É laureado em diversos concursos, onde se destaca o Prémio Jovens Músicos, categoria clarinete, música de câmara e direção de orquestra. Nos últimos anos, tem

sido convidado para trabalhar com as principais orquestras portuguesas, atuando nos mais destacados festivais de música em Portugal. Na temporada 2022/23 apresentou concertos em Portugal, Alemanha, França, Hungria e Bulgária. No domínio da ópera, já participou em *Don Giovanni* e *Così fan tutte*, *Lo speziale*, *La donna di genio volubile* e *Blimunda*. Recentemente foi diretor musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. É diretor artístico da Jovem Orquestra Famalicão. Em 2018, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de Vila Nova de Famalicão.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos, participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos- RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros,

como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Džansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999–2001), Zoltán Peskó (2001–2004) e Julia Jones (2008–2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completa 30 anos de atividade em 2023.

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski,

entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas); *Concerto Henze/Corghi* (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021. Em 2023, o Coro assinala o seu 80.º aniversário através da realização de vários concertos comemorativos.

Giampaolo Vessella

Maestro titular do Coro do TNSC. É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro «Euphonia», em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro «Euphonia» foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico «Corale Arnatese» e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, da qual foi membro do Comité Artístico. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.

¹ Concertino Convidado

² Reforços

Orquestra Sinfónica Portuguesa

PRIMEIROS VIOLINOS

Álvaro Pereira ¹
Pavel Arefiev
Veliyana Yordanova
Margareta Sandros
Luís Santos
Jorge Gonçalves
Laurentiu Ivan-Coca
David Ascensão ²

SEGUNDOS VIOLINOS

Ricardo Mendes ²
Rui Guerreiro
Sónia Carvalho
Slawomir Sadlowski
Tomás Costa ²
Lyza Valdman ²

VIOLAS

Ceciliu Isfan
Cécile Pays
Sandra Moura
Etelka Dudás

VIOLONCELOS

Irene Lima
Carolina Matos
Luís Clode

CONTRABAIXOS

Adriano Aguiar
José Mira
João Diogo Duarte

OBOÉS

Luís Perez
Luís Marques

FAGOTES

Carolino Carreira

TROMPAS

Paulo Guerreiro
Carlos Rosado

ÓRGÃO

Nuno Margarido Lopes

CAVO

Joana David

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

SOPRANOS

Ana Cosme
Ana Luísa Silva
Ana Sofia Franco
Angélica Neto
Carmen Matos
Carolina Raposo
Filipa Lopes
Maria Luísa Brandão
Patrícia Ribeiro
Raquel Alão
Sandra Lourenço Santos
Sónia Alcobaça

MEIO SOPRANOS

Ana Ferro
Luísa Tavares
Leila Moreso
Madalena Paiva Boléo
Manuela Teves
Rita Coelho
Susana Moody

TENORES

Alberto Lobo da Silva
Arménio Afonso Granjo
João Cipriano
João Monteiro Rodrigues
João Queiroz
João Rodrigues
Mário Silva

BAIXOS

Carlos Pedro Santos
Ciro Telmo Martins
João Miranda
João Oliveira
João Rosa
Leandro Silva
Nuno Dias

Maestro Titular **Giampaolo Vessella**
Maestro Assistente **Kodo Yamagishi**
Adjunto Direção de Coro e Orquestra
João Carlos Andrade
Secretariado do Coro **Isabel Pina**



DA ESQUERDA PARA A DIREITA

Ana Ferro
Carlos Pedro Santos
Carolina Raposo
Artur Pizarro
© Bruno Frango
José Eduardo Gomes
© Bruno Simão
Giampaolo Vessella
João Rodrigues
Raquel Alão

JÁ A SEGUIR
ÓPERA — 21 E 23 JANEIRO 2024

***Fidelio* de Beethoven**

Encenação Georges Delnon

Direção musical Graeme Jenkins

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Fidelio foi a única ópera de Beethoven e assumiu várias versões – a final, que ouviremos, subiu à cena em 1814 em Viena. É uma ópera com diálogos falados, que espelha a onda libertadora que varreu a Europa depois da Revolução Francesa. Nela canta-se a história do amor e heroísmo de Leonore, que se transveste como Fidelio para poder libertar o seu marido Florestan, preso por motivos políticos. No final, a justiça e o amor prevalecem. O poder da música e a veemente mensagem de liberdade fizeram com que *Fidelio* tivesse sido, em setembro de 1945, a primeira ópera a ser interpretada em Berlim após a derrota alemã na II Guerra Mundial.

Dom, 16h00 / Ter, 20h00

Grande Auditório, M/12

Produção proveniente da Staatsoper Hamburg e do Teatro Comunale di Bologna

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos



APOIOS



PARCEIRO PARA A COMUNICAÇÃO

